



ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA

Roda de conversa

Milton Santos Na Era Digital

**ATUALIDADE DA
FILOSOFIA TÉCNICA**

Roda de conversa no Instituto de Geociências, UFBA

Salvador, 2025

*Transcrição revisada da roda de conversa realizada no **Instituto de Geociências da UFBA** em Salvador no dia **16 de abril de 2026**, no âmbito do Ciclo de Atividades do Centenário de Milton Santos, organizado pela Academia de Ciências da Bahia (ACB) em colaboração com a Universidade Federal da Bahia (UFBA).*

O registro do evento pode ser recuperado na íntegra no YouTube:



CLIQUE AQUI!

Autores

Acadêmica Suani Pinho (Vice-presidente ACB)

Acadêmico Naomar de Almeida Filho

Acadêmico Pedro Vasconcelos (UFBA/ACB)

Profa. Tamara Egler (UFRJ)

Prof. Deivison Faustino (USF)

Ficha Técnica

Produção Técnica: Karina Costa - Jornalista

DRT - 4182

Diagramação: Nathan Santos Batista

Edição Final: Naomar de Almeida Filho e
Suani Pinho

Revisão Final: Manoel Barral-Netto

DOI: 10.5281/zenodo.21294869

1. ABERTURA E APRESENTAÇÃO

1.1 Saudação institucional

Acadêmica Suani Pinho (Vice-presidente da ACB): Agradeço a presença dos palestrantes convidados e dos membros da Academia aqui presentes. Esta atividade integra um conjunto de iniciativas realizadas em todo o país para celebrar o centenário do Professor Milton Santos. O Instituto de Geociências da UFBA já vinha conduzindo, há cerca de três semanas, a abertura desse ciclo de atividades. A roda de conversa de hoje resulta de uma proposta conjunta dos Professores Naomar de Almeida Filho e Pedro Vasconcelos, articulada como uma colaboração entre a ACB e a UFBA.

Apresentamos os participantes da mesa: o Professor Deyvison Faustino, da Universidade São Francisco (USF), mestre em Ciências da Saúde e Epidemiologia, autor de obras fundamentais sobre o pensamento fanonista e premiado pela CAPES em 2016; a Professora Tamara Egler, professora titular e emérita do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ (IPPUR); o Acadêmico Pedro Vasconcelos, e professor titular da UFBA; e o Acadêmico Naomar de Almeida Filho, ex-reitor da UFBA, que conduzirá a mesa. A participação da Dra. Nina Santos, da Secretaria de Comunicação, foi impedida por motivo de força maior.

1.2 Justificativa e contexto

Acadêmico Naomar de Almeida Filho (mediador): No início deste ano, convocados pelo Reitor Miguez para discutir como celebraríamos o centenário de Milton Santos, quatro eixos foram propostos: Milton Santos geógrafo e grande pensador crítico; Milton Santos pensador social; Milton Santos antecipador da teoria da globalização; e Milton Santos e a luta antirracista. Ao consultar o Professor Pedro Vasconcelos, notou-se que havia um elemento praticamente esquecido em todas as homenagens — aquilo que Milton chamava de teoria da técnica espaço-tempo ou filosofia da técnica ou teoria da tecnologia. O Brasil possui grandes pensadores nessa área e Milton Santos é um deles. A proposta de um quinto eixo foi aceita pela comissão organizadora e esta roda de conversa representa exatamente esse espaço de discussão. O formato de "roda de conversa" foi escolhido deliberadamente: além das exposições — combinadas para durar no máximo 20 minutos cada — busca-se o debate. Quem conviveu com o Professor Milton Santos sabe que o que ele mais apreciava era discutir. As exposições servirão de ancoragem para um diálogo ampliado com o público.

2.

A FILOSOFIA DA TÉCNICA NO PENSAMENTO DE MILTON SANTOS

Acadêmico Pedro Vasconcelos | Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFBA / ACB

O Professor Pedro Vasconcelos apresentou um levantamento sistemático de toda a obra de Milton Santos, com destaque para a categoria "técnica" e seus derivados, organizado em seis etapas cronológicas. Registra que Milton Santos teve a experiência de participar da sua banca de concurso para Professor Titular neste mesmo prédio e que o evento representa uma oportunidade singular de recuperar uma dimensão subestimada do pensamento miltoniano.

2.1 A geografia como filosofia das técnicas

Já na introdução do livro *Estudos de Geografia da Bahia*, organizado com Tricart em 1958, Milton Santos menciona que a geografia aparece como "uma espécie de filosofia das técnicas". A definição é retomada em 1960 no livro *Marianne em Preto e Branco*, direcionado ao grande público, em que o autor afirma que o geógrafo "pretende atingir uma certa filosofia das técnicas, recolocando os problemas no seu conjunto e oferecendo a síntese indispensável"

Quarenta anos depois, em *Por uma outra globalização* (2000), Milton Santos retoma a ideia de forma ampliada: "com a globalização, estamos mais perto de construir uma filosofia das técnicas e das ações correlatas que seja também uma forma de conhecimento concreto do mundo e as particularidades dos lugares"

No livro *Testamento Intelectual*, publicado postumamente em 2004, está escrito: "A universalidade das técnicas e a universalidade das ações hegemônicas apresentam-se como dados de base da produção de uma filosofia das técnicas, cujo alcance se confundiria com o da própria geografia".

2.2 A técnica e seus derivados

Passando para a categoria técnica, esta e foi a que mais possibilitou múltiplos derivados com destaque para a de tecnologia.

No capítulo 1º, datado de 1977, publicado em *Pensando no espaço do homem* (1982), Milton Santos escreve que "a técnica, esse intermediário entre a natureza e o homem, acabou por subverter as relações do homem com o meio, do homem com o homem, do homem com as coisas, bem como as relações entre as classes sociais entre si e as relações entre as nações".

Em 1979, no livro *Espaço e Sociedade*, ele faz a distinção entre “capital tecnológico”, que seria “aquele capital que é associado e acionado pelas diversas formas de saber”, e o capital simples.

Em obra de 1988, *Metamorfoses do Espaço Habitado*, Milton Santos destaca que a cidade é “um elemento impulsionador do desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas”.

No capítulo 11º, datado de 1991, do livro *Técnica, Espaço, Tempo* (1994) Milton Santos afirma que “hoje esses sistemas de objetos técnicos se definem pela ubiquidade, universalidade e tendência à unificação”. Já no capítulo 3º, de 1993, ele afirma que “as técnicas nos oferecem a possibilidade de empiricização do tempo”.

A importância das técnicas aparece na inclusão no título de sua obra magna *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção* (1996), No 1º capítulo, Milton Santos inicia reafirmando que “a principal forma de relação entre o homem e o meio é dada pela técnica” e define as técnicas “como um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza a sua vida, e cria o espaço”; e que “as técnicas são uma medida do tempo”. No capítulo 8º, é destacada a emergência de uma unicidade técnica, de uma unicidade do tempo e de uma unicidade do motor da vida econômica, e que as três seriam “a base do fenômeno da globalização e das transformações do espaço geográfico”. No capítulo 9º, ele escreve: “O objeto técnico se insere num sistema de objetos” e as ações “também se baseiam na ciência e na técnica”. No 11º, conclui que as redes são técnicas e sociais, mas “não prescindem de fixos - que constituem sua base técnica”.

No capítulo 10 do livro *Da Totalidade ao Lugar*, (1994/2005) Milton Santos destaca que os lugares “se definem pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, e pela sua densidade comunicacional”. Quanto “À densidade técnica os exemplos são: o centro de negócios de uma grande cidade, e os “espaços inteligentes”.

Em 2000, em *Por uma outra globalização*, Milton Santos amplia a questão: “É a partir da unicidade das técnicas, da qual o computador é uma peça central”, que pode existir uma finança universal, e “nas condições atuais as técnicas de informação são utilizadas por atores - Estados e empresas”, e “Com a globalização as técnicas se tornam mais sofisticadas”.

No livro *Território e Sociedade*, também do ano 2000, Milton Santos afirma, em entrevista, que “O que me preocupa não é a técnica em si, mas o fenômeno técnica” e define, novamente a técnica como “o conjunto de instrumentos objetivos à minha disposição, o que indica qual trabalho eu posso fornecer”.

Em artigo na Folha de São Paulo de 01/2000, republicado no livro *O País Distorcido* (2002), Milton Santos escreve que “A grande mutação tecnológica é dada com a emergência das técnicas de informação”.

No capítulo 12º do livro *O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI* (2001), Milton Santos e Maria Laura Silveira denominam “espaços luminosos aqueles que mais acumulam densidades técnicas informacionais” e no 13º, temos “Ainda que a sua distribuição seja desigual, há, em uma porção considerável do território, maior densidade técnica, acompanhada de maior densidade informacional”.

No seu projeto publicado no livro *Testamento Intelectual* (2004), encontra-se a importante afirmação de que “as técnicas e seu uso são a mediação entre o mundo e os lugares”.

2.3 O período técnico-científico

O período técnico-científico é uma categoria temporal que antecede a categoria espacial “Meio técnico-científico”.

No capítulo 2º, datado de 1972, no livro *Espaço e Método* (1985), Milton Santos afirma que o período técnico-científico atual seria o “quinto período tecnológico”, definido como o “da grande indústria e do capitalismo das grandes corporações, servidas por meios de comunicação difundidos e rápidos”. No 3º, de 1981, é destacado “que esse período coincide com o desenvolvimento da ciência das técnicas, isto é, da tecnologia”. Em seguida afirma que “Esse comando externo do processo produtivo ganha o seu clímax na fase científico-técnico atual, na medida em que a economia se mundializa e é presidida por firmas transnacionais.

No seu livro *O Espaço Dividido* (1975), que trata dos dois circuitos da economia urbana, Milton menciona o período de modernização tecnológica.

No capítulo 1º, datado de 1977, publicado no livro *Pensando o espaço do homem* (1982), ele afirma: “Dentre as denominações aplicadas ao nosso tempo, nenhuma é mais expressiva que a de período tecnológico; e que a “Ciência, pesquisa pura e aplicada, tecnologia e *mass media* são os pilares do período tecnológico”.

No capítulo 12º, datado de 1985, do livro *Técnica, Espaço, Tempo* (1994), intitulado *O período técnico-científico e os estudos geográficos*, é destacado que “A fase atual da história, marcada pela revolução científico-técnica, é chamada de período técnico-científico”, e que “o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica”, pelo fato de que, em todos os lugares, os conjuntos técnicos presentes são os mesmos. No capítulo 13º, de 1989, afirma: “A fase atual é o momento no qual se constitui, sobre territórios, o meio técnico científico, isto é, o momento histórico no qual a construção ou reconstrução do espaço se dará com um crescente conteúdo de técnicas”. No capítulo 6º, de 1992, o autor define “Períodos são pedaços de tempo submetidos à mesma lei histórica, com a manutenção da estrutura”.

Em artigo publicado na revista *Espaço e Debates*, em 1988, Milton Santos lembra que houve três grandes momentos nessa relação entre sociedade e meio: aquele em que o homem se defronta com o meio natural; em que ele cria o meio técnico [e o] meio técnico-científico”, e conclui: “É nesse período técnico-científico que se instala o meio científico-técnico”, o que implica que o período é anterior ao meio.

No seu livro *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988), o primeiro capítulo é iniciado por: “É possível discordar quanto à denominação e as características do atual período histórico”, quando o autor afirma que “as perturbações que caracterizam esta fase da história decorrem dos extraordinários progressos no domínio das ciências e das técnicas”.

No capítulo 7º do livro *A natureza do espaço* (1996), Milton Santos afirma que “as épocas se distinguem pela forma de fazer, isto é, pelas técnicas” e o capítulo é concluído com a afirmação “vivemos na era da informação”.

No livro *Por uma outra globalização* (2000), Milton Santos define os períodos como “pedaços de tempo marcados por certa coerência entre suas variáveis, que evoluem dentro de um sistema”. Ele também destaca que o período atual tem como uma das bases o “casamento entre ciência e técnica, essa tecnociência”.

2.4 O meio técnico-científico

Na Introdução do livro conjunto de 2001, está registrado que “Já em 1980 foi apresentada a proposta de Milton Santos, de entender o espaço atual como meio técnico-científico”.

O 3º capítulo, datado de 1981, do livro *Espaço e Método* (1985) é iniciado pelo item “Do meio técnico ao meio técnico-científico, quando o autor afirma que esse meio seria “contemporâneo ao período do mesmo nome na civilização humana”.

No capítulo 12º, datado de 1985, do livro *Técnica, Espaço, Tempo* (1994), Milton Santos propõe que "o próprio espaço geográfico pode ser chamado de meio técnico-científico". No capítulo 10º, de 1991, afirma que "Os espaços comandados pelo meio técnico-científico são "espaços de mandar; os outros são os espaços de obedecer".

No capítulo 2º do livro *O Novo Mapa do Mundo: Fim de Século e Globalização* (1993), organizado pelo autor juntamente com Maria Adélia de Souza, Milton Santos afirma que "O meio geográfico, que já foi 'meio técnico' é hoje um 'meio técnico-científico'". Na Introdução do livro ele destaca o Meio Técnico-Científico como "a resposta geográfica ao processo de globalização".

No artigo de 1988, já mencionado, Milton Santos trata das mudanças na composição técnica do território, juntamente com a composição orgânica do território, graças à cibernética, às biotecnologias, às novas químicas, à informática e a eletrônica" e continua: "Tudo isso faz com que o território contenha mais ciências, mais tecnologia e mais informação". Também comenta que "No caso brasileiro esse meio técnico-científico está presente na região concentrada".

No livro *A urbanização brasileira* (1993), o meio técnico científico é definido como "o momento histórico no qual a construção do espaço se dará com um crescente conteúdo de ciência, de técnicas e de informação".

Finalmente, nos títulos de dois artigos publicados em 1999 e no ano 2000 Milton utiliza uma categoria marxista: "Modo de Produção Técnico-Científico e Diferenciação Espacial".

2.5 Tecnosfera e psicosfera

A categoria tecnosfera é sempre apresentada por Milton Santos em conjunto com a de psicosfera.

No capítulo 12º, datado de 1985, do livro *Técnica, Espaço, Tempo* (1994), a tecnosfera é definida como "uma natureza crescentemente artificializada, marcada pela presença de grandes objetos geográficos construídos pelo homem, articulados em sistemas". No capítulo 2º de 1993, o autor reafirma que a tecnosfera e a psicosfera juntas formam o meio técnico-científico. Também define a "tecnosfera é o resultado da crescente artificialização do meio ambiente. A esfera natural é crescentemente substituída por uma esfera técnica, na cidade e no campo".

No capítulo 10 do livro *A natureza do espaço* (1996), a discussão sobre: tecnosfera e psicosfera é ampliada, pois o autor afirma que “são os dois pilares com os quais o meio científico-técnico introduz a racionalidade, a irracionalidade, a contra-razionalidade, no próprio conteúdo do território”.

2.6 O meio técnico-científico informacional

A categoria “Meio Técnico-científico” foi ampliada e substituída por “Meio técnico-científico-informacional” nos últimos trabalhos do autor.

O livro *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional* (1994) é o que dá mais destaque à categoria. No capítulo 13º, em texto de 1989, Milton Santos afirma: “já hoje é preciso falar de meio técnico-científico informacional, que tende a se superpor, em todos os lugares, ao meio geográfico”. No capítulo 3º de 1993, o meio técnico-científico informacional é definido como “um meio geográfico onde o território inclui obrigatoriamente ciência, tecnologia e informação”. No capítulo 4º do mesmo ano, é destacado que “O meio geográfico tem uma substância científico-tecnológica-informacional” e que “A ciência, a tecnologia e a informação estão na base de todas as formas de utilização do espaço”. O autor conclui: “É a cientificação e tecnicização da paisagem. É também a informacionalização do espaço”.

No capítulo 10º do livro *Da Totalidade ao Lugar* (1994/2005), Milton Santos afirma que “Os espaços de globalização que chamamos de meio técnico-científico informacional apresentam cargas diferentes de conteúdo técnico, de conteúdo informacional, de conteúdo comunicacional”. O capítulo 11º é iniciado com “a emergência de um meio técnico-científico-informacional, que busca substituir o meio natural e o próprio meio técnico. Este resultado se deve ao papel das técnicas do mundo de hoje. Essa técnica constitui uma ordem, a ordem técnica, sobre a qual assenta uma ordem social planetária da qual é inseparável”.

No capítulo 10º do livro *A Natureza do Espaço* (1996), Milton Santos retoma que a história do meio natural poderia ser dividida em três etapas: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional e que estaríamos agora diante de algo novo.

Finalmente, o capítulo 4º do livro *Brasil: Território e Sociedade* (2001) (escrito em conjunto com Maria Laura Silveira), o item “A constituição recente do meio técnico-científico-informacional” é iniciado com “Resultado de um trabalho permanente de incorporação de capitais fixos e constantes, o território brasileiro metamorfoseia-se em meio técnico-científico-informacional”. No capítulo 12º, os autores fazem a proposta de “uma divisão regional baseada, simultaneamente, numa atualidade marcada pela difusão diferencial do meio técnico-científico-informacional e nas heranças do passado”.

2.7 Síntese conclusiva

Nos anexos do livro *Milton Santos e o Brasil* (2004), organizado por Maria A. Brandão, foi publicado um rascunho elaborado por Milton Santos com as “Principais Categorias de Análise”. No total das 22 listadas, destacamos aquelas ligadas às técnicas: (nº 11) Densidades; técnica, informacional, comunicacional; (nº 12) Tecnosfera e Psicosfera; e (nº 14) Meio técnico-científico informacional.

Destaca-se a importância da técnica no pensamento miltoniano. Algumas categorias são apresentadas paralelamente como meio técnico-científico e período técnico-científico, dando relevo para o espaço e para o tempo. Outras categorias são tratadas conjuntamente como tecnosfera e psicosfera.

Apesar da importância da apresentação das categorias técnicas, elas fazem parte de algo bem maior, o universo conceitual de Milton Santos.

Referências

- BRANDÃO, Maria A. (Org.) *Milton Santos e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SANTOS, Milton. *Marianne em Preto e Branco*. Salvador: ALBA, 2010 [1960].
- SANTOS, Milton. *Espaço e Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988a.
- SANTOS, Milton. “O meio técnico-científico e a urbanização no Brasil”, *Revista Espaço e Debates*, nº 25, São Paulo, p. 58-62, 1988b.
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SANTOS, Milton. *Por uma economia política da cidade*. São Paulo: Hucitec; Educ, 1994a.
- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994b.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. *Da Totalidade ao Lugar*. São Paulo: Edusp, 2005 [1996].
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000a.
- SANTOS, Milton. *Território e Sociedade. Entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000b.
- SANTOS, Milton. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. Organização, apresentação e notas de Wagner Costa Ribeiro; ensaio de Carlos Walter Porto Gonçalves*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- SANTOS, Milton. *Testamento Intelectual*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Milton. SOUZA, Maria Adélia (Org.). *O Novo Mapa do Mundo: Fim de Século e Globalização*. São Paulo: Hucitec; ANPUR, 1993.
- SILVA, Maria Auxiliadora; ANTUNES, William. *Milton Santos: correspondente do Jornal A Tarde, 1950-1960*. Florianópolis: IIR/GCN/CFH/UFSC, 2019.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de Souza (Org.) *O Mundo do Cidadão. Um cidadão do Mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. *O Universo Conceitual de Milton Santos*. Curitiba: Editora CRV, 2020.

3.

REDES TECNOLÓGICAS E A ATUALIDADE DE MILTON SANTOS

Profa. Tamara Egler | IPPUR / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

3.1 O espaço urbano sociotécnico

A Professora Tamara Egler parte de uma perspectiva que articula Milton Santos com Pierre Bourdieu, propondo o conceito de espaço urbano sociotécnico. Ao naturalizarmos o espaço construído — como o próprio prédio do Instituto de Geociências, obra de concreto armado, produto de tecnologia — esquecemos seu caráter técnico. Com a chegada das big techs e da internet, o espaço se amplia: o local e o global passam a coexistir em tempo real, como demonstra o próprio evento, transmitido simultaneamente para audiências presenciais e virtuais.

A proposta central da pesquisadora é que fixos e fluxos — conceitos miltonianos presentes em *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional* — permitem reconhecer tanto a materialidade, quanto a imaterialidade dos processos espaciais contemporâneos. Sistema técnico e sistema simbólico (narrativa) se entrelaçam para produzir o que ela denomina rede tecnopolítica.

3.2 O conceito de tecnopolítica

Tecnologia é definida como a interação entre técnica, comunicação e política — as três dimensões formam uma totalidade, que não é neutra. Pode ser usada tanto para mobilizar a participação democrática, quanto manipular e desestabilizar a democracia. As plataformas das big techs são equações matemáticas e sua articulação com sistemas simbólicos produz uma subjetividade coletiva capaz de transformar a democracia.

A pesquisa mais recente da Professora Egler centrou-se no Twitter (plataforma estudada antes da aquisição por Elon Musk) e revela como a ação das pessoas nas redes é, em última instância, a emoção — e não a racionalidade econômica ou a consciência de classe. Milton Santos já havia antecipado essa dimensão ao inserir "razão e emoção" no próprio título de *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção* (1996).

3.3 Metodologia: redes, grafos e polarização

A pesquisa utilizou banco de dados do Twitter para analisar 11 fatos emblemáticos da política brasileira no período pré-eleitoral de 2022: o indulto a Daniel Silveira, o encontro de Bolsonaro com Elon Musk, o assassinato de Dom Phillips e Bruno Pereira, o assassinato de Marcelo Arruda, a privatização da Eletrobras, a corrupção no MEC, a deslegitimação das urnas eletrônicas, a posse de Alexandre de Moraes, Lula e Alckim, o pacto pela democracia, o bloqueio rodoviário no dia das eleições e o 8 de janeiro.

A metodologia apoia-se na Social Network Analysis (teoria das redes sociais), que define atores e arestas. Os *hubs* — influenciadores que produzem narrativas e atraem seguidores — formam *clusters*, que por sua vez, compõem campos. O *software* Gephi permitiu visualizar graficamente a estrutura de cada rede. A descoberta mais impactante foi o "rio que separa os dois campos": o campo conservador (azul) e o campo progressista (verde) quase não se comunicavam, revelando polarização extrema.

Em 4 dos 11 fatos — indulto de Daniel Silveira, posse de Alexandre de Moraes, parceria Lula-Alckmin e deslegitimação das urnas —, o campo conservador obteve hegemonia em termos de retweets. Nos demais, o campo progressista prevaleceu. O caso do bloqueio rodoviário federal no dia das eleições foi o mais discrepante: 2,17 milhões de retweets no campo progressista contra 380 mil no conservador. A pesquisadora ressalta que os dados de 8 de janeiro são suspeitos, pois Elon Musk já controlava a plataforma e os algoritmos podem ter manipulado o resultado.

A análise articula Milton Santos com Bourdieu: os *clusters* são grupos, as manchas são campos — exatamente a estrutura social que Bourdieu descreve. A subjetividade coletiva é produzida pelo entrelaçamento entre técnica e sistema simbólico, tal como Milton Santos ensinava ao afirmar que técnica e sociedade não se separam.

3.4 Implicações para políticas públicas e a ciência

A pesquisadora defende que há conhecimento científico suficiente para compreender a complexidade das redes sociais e seu controle, mas que isso requer interdisciplinaridade, transescalaridade e transversalidade. A separação entre universidade, governo e sociedade civil é um obstáculo ao desenvolvimento social: a academia produz mapas que poderiam orientar políticas públicas, mas não há canais institucionais de diálogo efetivos. Para Tamara Egler, o digital e o vital (real) fazem parte de uma mesma totalidade que não se separa.

A pesquisadora também destaca o conceito de "comunicação como ação em comum" de Milton Santos: sua pesquisa mostra que as redes tecnopolíticas são o novo espaço em que a ação em comum — e, portanto, a política — se constitui.

4.

RUGOSIDADES COLONIAIS DA TECNOLOGIA E RESISTÊNCIAS ANTICOLONIAIS

Prof. Deivison Faustino | Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo (USP)

4.1 Ponto de partida: a digitalização da saúde

O Professor Deivison Faustino é sociólogo especializado nas relações entre capitalismo, racismo e tecnologia. Sua entrada no debate sobre tecnologia resulta do estudo sobre o pensamento de Frantz Fanon e o posterior acompanhamento da digitalização da saúde: introdução de dispositivos vestíveis, modelos de linguagem para diagnóstico e recomendação, e plataformização das práticas de cuidado. Seu artigo *Por uma outra saúde digital: Milton Santos, a técnica e as rugosidades coloniais* (escrito a convite do Professor Naomar de Almeida Filho) é a base da exposição.

O contexto é importante: como pesquisador da saúde pública, Faustino acompanha a plataformização da vida e da saúde por um lado e o racismo algorítmico por outro — fenômeno com consequências concretas sobre populações historicamente marginalizadas.

4.2 A técnica como meio: releituras miltonianas

A definição miltoniana de técnica como "conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais os homens realizam sua vida, produzem e criam o espaço" abre espaço para reconhecer que todos os povos possuem técnicas — e que essas técnicas são históricas e geograficamente situadas. O pesquisador aproxima Milton Santos do filósofo da tecnologia Yuk Hui, que discute a dimensão geopolítica e sociocultural da técnica e indica que o geógrafo baiano antecipa debates muito recentes sobre as relações de poder que permeiam a técnica.

O ponto crítico é que toda técnica é social: ela não é neutra. Ao contrário do fetiche da tecnologia — denunciado pelo autor Henrique Novaes — que faz a técnica aparecer como pronta, neutra ou autônoma, a realidade é que a técnica expressa relações sociais mais amplas. O algoritmo que decide concessão de crédito bancário não é autônomo: se alucina e prejudica o banco, é imediatamente recalibrado. O verdadeiro sujeito autônomo é o próprio capital.

4.3 Os quatro eixos da técnica no capitalismo contemporâneo

Milton Santos identifica quatro características da técnica na fase atual do capitalismo, que Faustino examina criticamente:

Unicidade da técnica: a homogeneização técnica global — o fato de todos os cabos USB do mundo se encaixarem — resulta de disputas e submissões de diferentes formas de organização do tempo e do espaço para garantir que o capital se universalize. A técnica é fundamental para essa universalização.

Cognoscibilidade do planeta: viabilizar a sincronização do tempo exige conhecer cada vez mais as variáveis do tempo e do espaço. Mas isso implica também expropriação — o que Marx chamava de acumulação primitiva, que é na verdade conversão dos meios de vida em capital. A expropriação de dados dos usuários pelas big techs é a forma contemporânea dessa dinâmica: o modelo de negócio registra cada clique, cada segundo de permanência, cada saída de *site* logo depois, e cria perfis revendidos para direcionar propaganda ou conteúdo político.

Convergência de momentos: a informática permite sincronizar os tempos e submeter o globo ao mesmo tempo de rotação do capital. As cidades deixam de ser apenas espaços de circulação de mercadorias para se tornarem espaços de valorização do valor.

Motor único da história: a globalização unifica os mercados como se não houvesse mais espaços fora. Isso coloca a questão geopolítica central: a Palantir, empresa de dados, tem relações com a infraestrutura da Amazon, tornando a internet parte do complexo industrial-militar dos Estados Unidos. Todos os países que utilizam a Amazon estão subordinados a esse complexo — o que inclui dados do governo federal brasileiro como o Sou.Gov e o DataSUS.

4.4 Rugosidades coloniais da tecnologia

O conceito miltoniano de rugosidade — o que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, resultado de processos de supressão, acumulação e superposição — é estendido por Faustino para pensar as heranças coloniais que estruturam o presente tecnológico. Se o colonialismo não é algo do passado (como demonstra a política de Israel em Gaza ou a intenção de Trump de anexar a Groenlândia), mas sim uma forma de atualização de territórios a serem explorados, dominados ou destruídos, então é possível falar em rugosidades coloniais da tecnologia.

O colonialismo digital manifesta-se em, ao menos, três dimensões: (1) a alta concentração de poder tecnológico no Vale do Silício, com o resto do mundo como mero produtor de matérias-primas (ouro, cobalto, lítio) ou fornecedor de dados; (2) a acumulação primitiva de dados — a expropriação da experiência para extração de valor; e (3) o racismo algorítmico. Exemplos concretos incluem modelos de reconhecimento facial que falham mais em rostos negros, algoritmos de filas para doação de rins que privilegiam pessoas brancas menos graves sobre pessoas negras mais graves e modelos de análise de currículos que sistematicamente recomendam homens para cargos de poder (como no caso japonês documentado pelo pesquisador).

O mapa das fibras ópticas globais é muito semelhante ao mapa do telégrafo do século XIX que sustentou o imperialismo inglês — apenas trocou-se o país das empresas hegemônicas. O governo que contrata serviços da Amazon não compra a tecnologia: compra o serviço e seus dados rodam nos sistemas da empresa estrangeira, mesmo que os servidores físicos estejam no Brasil.

4.5 Rugosidades anticoloniais: a proposta de Lélia González

Se é possível falar em rugosidades coloniais, há também rugosidades anticoloniais — marcas de luta presentes na sociedade brasileira que são frequentemente ignoradas pelo eurocentrismo do pensamento crítico. Lélia González, na década de 1990, já se preocupava com a internet e a ausência de projetos políticos que incluíssem o digital no horizonte das lutas. Ela convoca o movimento negro a se apropriar das tecnologias.

Faustino propõe um hacker-ativismo anticolonial e antirracista — que ele associa ao "pretuguês" de Lélia González, isto é, à ideia de que o povo brasileiro traiu o projeto colonial ao pretuguesar o português. A proposta é que os códigos e linguagens tecnológicos também sejam permeados por diferentes valores, experiências e perspectivas de emancipação e não apenas de dominação. O filósofo Gilbert Simondon e o conceito de individuação técnica fornecem recursos adicionais para pensar como colocar a técnica a serviço da vida, das lutas e da democracia, sabendo que toda resistência pode ser incorporada e que todo *mainstream* pode produzir reviravoltas.

5. RODA DE CONVERSA — DEBATE COM O PÚBLICO

5.1 Economia espacial e continuidade intelectual — **Prof. Elson Pires** | UNESP / CEBRAP

O Professor Elson Pires, Professor Titular aposentado de Geografia da UNESP de Rio Claro e ex-auxiliar de pesquisa do CEBRAP, conviveu com Milton Santos no Laboplan nos anos 1990. Sua pergunta, dirigida principalmente ao Professor Pedro Vasconcelos, é a seguinte: Por que as pistas implícitas no livro *Economia Espacial* — inspirado no economista francês Philippe Daleau, como o próprio Milton Santos lhe confessara em conversa reservada — e nos demais livros apresentados na exposição não foram desenvolvidas nas pesquisas da geografia brasileira, com raríssimas exceções, como o Professor Cláudio Egler e o saudoso Professor Carlos Antônio Robert de Moraes?

Acad. Pedro Vasconcelos: A resposta envolve um elemento biográfico central: Milton Santos não ficou na UFBA. Tentou inscrever-se no concurso para Professor Titular e foi bloqueado burocraticamente. Perdemos Milton Santos para a UFRJ e, sobretudo, para a USP. Mesmo assim, seu legado permaneceu aqui por meio da Professora Auxiliadora Silva, colega de laboratório que deu continuidade à pesquisa com seu grupo — do qual o Professor Clímaco faz parte. Mas a continuidade não foi igual à que teria corrido se ele permanecesse aqui. Ele chegou a dar aulas no mestrado, inclusive sobre fenomenologia da paisagem, com três ou quatro alunos apenas — uma oportunidade desperdiçada pela falta de meios de comunicação da época. Quanto à continuidade na geografia brasileira em geral, cada um de nós tem um pedaço da história. O que posso dizer é que fui levado a estudar Milton Santos por um convite de João Reis, em 2001, e a partir daí fui me aprofundando. A ênfase na técnica não estava suficientemente desenvolvida no meu próprio livro *O universo conceitual de Milton Santos* e este evento me ajudou a recuperar essa dimensão.

5.2 Técnica, comunicação e os pobres — **Prof. Clímaco Dias** | Depto. de Geografia | UFBA

O Professor Clímaco Dias observa que a comunicação não aparece no meio técnico-científico-informacional como uma característica central na obra de Milton Santos — ao contrário, Milton Santos privilegia a comunicação como atributo dos pobres das grandes cidades. Os pobres, por viverem no reino da necessidade, fragmentam o meio técnico-científico-informacional.

Quando esse meio chega a lugares marcados por desigualdades, os pobres, pela própria pobreza e sem nenhum movimento político explícito, reagem a ele e o fragmentam, gerando, dessa fragmentação, a possibilidade do período popular da história. A questão colocada à mesa é: Como articular essa dialética miltoniana entre verticalidades e horizontalidades, espaços luminosos e opacos, com o período popular da história — que ninguém até então mencionara na roda?

Prof. Deivison Faustino: Milton Santos responderia a esse desafio da desatualização dizendo que "a totalidade busca sempre totalizar-se". Tudo que Deivison descreveu — a fragmentação algorítmica, a mercantilização das rugosidades — é exatamente a totalidade buscando totalizar-se e nessa busca ela se fragmenta e fragmenta o espaço. Esse espaço fragmentado oferece resistências. E as resistências, em Milton Santos, não podem ser pensadas apenas por movimentos sociais formais: elas emergem do reino da necessidade. O rolezinho nos shoppings, por exemplo, não era nenhum movimento social organizado — eram jovens dançarinos que amavam grifes. Isso é já uma resistência.

5.3 Técnica, desigualdade e mundialização — **Prof. Jânio Santos** | UEFS

O Professor Jânio Santos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, parte da premissa de que pensar a técnica em Milton Santos é pensar uma sociedade desigual. Traz o exemplo de São Tomé e Príncipe, onde observou a ausência de infraestrutura técnica que a narrativa do "mundo globalizado" mascara: há muita gente excluída das redes. Como pensar os pontos trazidos pela mesa a partir de um mundo profundamente assimétrico, em que a técnica é condição e meio de reprodução dessas assimetrias?

Destaca o conceito miltoniano de "revanche da técnica": a técnica produzida nas mãos dos grupos hegemônicos contém em si o motor de sua própria revanche, pois os de baixo teriam a capacidade de se apropriar dela de forma contra-hegemônica. Como articular esse conceito com a proposta anticolonial de Deivison Faustino?

Prof. Deivison Faustino: A dialética é sempre aberta: o que é resistência em um momento pode, no momento seguinte, ser incorporada pela ordem capitalista; e o que é *mainstream* pode produzir reviravoltas. O rap é um exemplo: só é possível como fenômeno mundial graças a um desenvolvimento sociotécnico que permitiu sintetizar músicas gravadas de *soul* e *funk* possibilitando às pessoas que não sabiam tocar ou não tinham acesso a instrumentos produzir música. O funk no Brasil furou barreiras ao se apropriar do YouTube para veiculação de clipes e, ao furar a bolha, foi imediatamente incorporado.

O Chavoso da USP, jovem de favela com um milhão de seguidores, só consegue falar dentro do sistema Meta e precisa usar os formatos e tamanhos de vídeo que a plataforma determina. Mas quando ele se torna uma ameaça, a plataforma bane o seu perfil. Há uma tendência à mercadificação das rugosidades — o que é resistência vira nicho de mercado. Nossa proposta é um hacker-ativismo que pensa o *software* livre e uma outra internet há mais de 20 anos colocando a técnica a serviço da vida e da democracia.

Prof. Pedro Vasconcelos: A técnica não é só sofisticada: a técnica de preparar a mandioca para retirar o veneno é uma contribuição indígena de imenso valor — e a mandioca é uma das bases da alimentação brasileira. Quantas vidas terão sido perdidas até desenvolver esse saber? Milton Santos tem razão ao dizer que cada cultura tem suas técnicas. É um saber que resulta de acumulação histórica. Meu otimismo quanto ao período popular da história é cauteloso: o mundo está mostrando o contrário, com desigualdades que aumentam. Mas talvez a informalidade — que é uma resposta dos pobres ao sistema — seja já uma forma de revanche.

5.4 Técnica e políticas públicas de inclusão — *Carlos Magno* | UFBA

Carlos Magno, aluno especial do mestrado da UFBA e graduado em Administração, pergunta: Como a técnica pode se aliar às políticas públicas no que tange à inclusão das pessoas mais necessitadas? E como podem elas ter maior discernimento informacional?

Prof. Pedro Vasconcelos: Já existem exemplos positivos: o SUS e o SouGov são tentativas de usar a técnica para o bem público. Na Estônia, todo cidadão possui um cartão inteligente que centraliza serviços digitais — embora isso tenha riscos de concentração de dados. A técnica pode ser utilizada nesse sentido positivo, de modo a ampliar o acesso à informação e a serviços. O problema é que a Amazon sabe de nós independentemente de nossas escolhas.

Profa. Tamara Egler: Políticas públicas precisam associar universidade, governo e sociedade civil de forma interdisciplinar, transescalar e transversal. Não podemos mais ficar em nossas "caixinhas" disciplinares. Também observamos, em nossa pesquisa, experiências de resistência tecnológica: um aplicativo desenvolvido numa favela do Rio de Janeiro avisava a comunidade sobre a chegada da polícia, a atuação da milícia, os caminhos seguros. Isso é técnica a serviço da sobrevivência das populações vulneráveis. A questão central hoje é levar o conhecimento informático para as escolas, para que todo mundo possa construir suas próprias equações e plataformas.

5.5 Método em Milton Santos — Contribuição do debate

Um participante pergunta ao Professor Pedro Vasconcelos sobre o método em Milton Santos: influenciado pelo estruturalismo, pelo existencialismo de Sartre e pelo marxismo, teria Milton Santos desenvolvido um método próprio?

Prof. Pedro Vasconcelos: Milton Santos teve uma abertura intelectual extraordinária. Passou dois anos na Tanzânia estudando filosofia e, na América do Norte, estudou Economia. Leu em inglês, francês, espanhol e português. Essa abertura permitiu que ele incorporasse o marxismo, o existencialismo e o estruturalismo — sem dogmatismo. Ele desenvolveu categorias próprias que articulam tempo e espaço da forma que nenhum desses autores havia feito antes. Não aceitaria seus conceitos como dogma: algumas coisas com ele não concordo, como a noção de "espaço de mandar", que parece atribuir ao espaço em si um poder que pertence a quem está no espaço. Mas essa autonomia intelectual é exatamente o que devemos cultivar.

Prof. Naomar de Almeida Filho: Milton Santos foi introdutor no Brasil de Gilbert Simondon — e de seu discípulo Bernard Stiegler — no debate sobre técnica e tecnologia. Na mesma época, havia um pensador brasileiro com propostas antecipatórias: Álvaro Vieira Pinto, cujos livros sobre tecnologia foram publicados apenas em 2005, postumamente. O pensamento miltoniano faz uma digestão da matriz francesa e produz algo que não é ela — com uma autonomia intelectual que devemos admirar e seguir. A ideia de rugosidade, que Deivison explorou tão bem, não é originalmente de Milton Santos: vem de Tricard. Mas a releitura que Milton faz permite pensar uma teoria da colonialidade que não seja a de Quijano, que seja nossa — não a dialética andina de Mariátegui, mas um pensamento de raiz portuguesa, indígena e africana.

5.6 Tecnopolítica e soberania comunicacional — Gustavo Cirino | UESB

Gustavo Cirino, recém-graduado em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), traz uma contribuição sobre soberania comunicacional, inspirado no jornalista Bruno Torturra e na teoria dos sistemas. Torturra argumenta que, dentro da teoria dos sistemas, quando um sistema é complexo o bastante pode emergir de dentro dele outro sistema com propriedades e lógica próprias. A comunicação, nessa perspectiva, é anterior à organização social: qualquer alteração nas formas de comunicação tem implicações diretas nas formas de sociabilidade.

Com base nisso, o estudante propõe que uma das políticas públicas mais importantes que o Brasil pode adotar hoje é construir soberania comunicacional, reduzindo a dependência de tecnologias estrangeiras. Enquanto as batalhas sociais e políticas são travadas dentro de ambientes definidos por empresas estrangeiras — Twitter, YouTube, Instagram —, a soberania cultural e política fica comprometida. A China é um exemplo de país que construiu essa soberania tecnológica com visão de longo prazo.

Prof. Naomar de Almeida Filho: A questão da soberania comunicacional é central. O que você traz de Torturra articula bem com o que Milton Santos diz sobre o meio técnico-científico informacional e sobre a tecnosfera e a psicosfera. As plataformas que moldam nossa comunicação moldam também nossa subjetividade — e, portanto, nossa política. Deivison vem falando sobre *hackers* e pessoas que tentam usar essas tecnologias de forma contra-hegemônica. A soberania tecnológica é uma tarefa coletiva que exige não apenas políticas públicas, mas uma articulação entre academia, movimentos sociais e Estado.

5.7 Perspectiva da física e a interdisciplinaridade — Acad. Suani Pinho | UFBA

A vice-presidente da ACB, Profa. Suani Pinho do Instituto de Física da UFBA intervém no final da roda, destacando o perfil visionário de Milton Santos e sua visão ampla de conexão. Do ponto de vista da Física, a relação que ele estabelece com o conceito de tempo e espaço não seria uma simples analogia (como ocorre em outras áreas) mas uma articulação mais substantiva — incluindo as questões da técnica e das redes. A sociofísica é hoje uma área de pesquisa estabelecida e o trabalho da Professora Tamara Egler dialoga diretamente com essa tradição. A física convida à conversa sobre a visão interdisciplinar e multidisciplinar de Milton Santos.

5.8 Questão final: Milton Santos e a vida cotidiana — André Santos da Silva

Ligado à produção de um documentário sobre Milton Santos e graduando em Física, André Santos da Silva faz uma dupla pergunta aos expositores: Como vocês vivem Milton Santos no dia a dia? E o que significa este ano de 2026, que marca 100 anos do seu nascimento e 25 anos de seu falecimento?

Prof. Pedro Vasconcelos: O mundo em que Milton Santos nasceu, em 1926, era o de um Brasil rural, dos coronéis, do abandono dos ex-escravizados, da República Velha — um Brasil pesado e antiquado, mas cujas classes dominantes são as mesmas de hoje: filhos e netos dos mesmos grupos. A última semana para mim foi pesada: Milton Santos todo dia, de manhã, tarde e noite. Dialogo com ele cotidianamente, mas não o aceito como dogma. Tenho autonomia para discordar — e é isso que Milton nos ensinou.

Profa. Tamara Egler: Eu dialogo com Milton Santos todo dia. Minha pesquisa é um diálogo permanente com ele: a cada resultado que obtenho, encontro que ele já tinha razão. A definição de comunicação como "colocar a ação em comum" estrutura toda minha pesquisa sobre redes tecnopolíticas. Não consigo mostrar os mapas que produzi a quem poderia deles se beneficiar — governo, gestores públicos — porque não há canais de diálogo. Isso me entristece, mas não me paralisa. Também li recentemente o *Tecnofeudalismo* de Yanis Varoufakis, que mostra como a acumulação migrou da mais-valia para a renda das plataformas digitais. O Mercado Livre é um conjunto de lojas onde se aluga um espaço e se paga renda — não mais-valia na produção, mas renda na circulação. Isso mudará minha próxima pesquisa.

Prof. Deivison Faustino: Eu, pessoalmente, questiono o rigor teórico da tese do tecnofeudalismo. Apesar de muito sucesso, ela falha conceitualmente, ao meu ver, ao definir a renda e a concentração de poder como suposto retorno ao feudalismo. Ainda é a exploração do trabalho e a valorização do valor — sob novas roupagens — a razão de existência das Big Techs. Marx bem explicou que o arrendamento é um traço presente na circulação do capitais. Ao mesmo tempo, a concentração de poder não cria suseranos feudais, mas os velhos monopólios financeirizados tão bem estudados por Lenin em sua definição de imperialismo. É necessário refazer algumas perguntas sem perder de vista o legado e o conhecimento acumulado. Milton Santos é imprescindível, mas precisamos também interrogá-lo — fazer perguntas que ele não poderia ter feito, dada a época em que viveu. Assumir o comando da autonomia de pensamento é a tarefa mais difícil e mais necessária. Saio desta conversa muito feliz e grato.

6. RODA DE CONVERSA — DEBATE COM O PÚBLICO

Profa. Auxiliadora Silva | Departamento de Geografia, UFBA

A Professora Auxiliadora Silva, que conheceu Milton Santos antes de se formar e trabalhou com ele até 2001, prestou um depoimento emocionado sobre a trajetória do geógrafo.

Nascido em Brotas de Macaúbas, de família que se movia de cidade em cidade, Milton Santos foi criado em contexto de classe média elevada por parte da mãe, que contratava professores particulares de inglês e músicos para a educação dos filhos. O pai era descendente de escravizados. Essa ambivalência social marcaria toda a sua trajetória. Milton Santos estudou Direito antes de se dedicar à Geografia — influenciado por um tio que era o único no interior a ter um bom carro. Ao retornar da França, onde defendeu sua tese sobre Salvador, foi convidado pelo reitor Edgar Santos para fundar o Laboratório de Antropologia da UFBA — literalmente por causa de um cumprimento com aperto de mão à maneira parisiense, que impressionou o reitor pela distinção.

A Professora revelou publicamente que, pela primeira vez que Milton Santos tentou ser aprovado em concurso para Professor da Faculdade de Filosofia da UFBA, foi reprovado, com todos os professores lhe atribuindo nota sete: a mínima aceitável. Tentou se inscrever para Professor titular e foi bloqueado burocraticamente. A Universidade da Bahia não lhe deu emprego quando ele retornou do exílio. Quando finalmente foi reintegrado, em 1997 — após 1978, quando chegou ao Brasil com medo de deixar o exílio —, foi sob um reitor que nem o conhecia. Foram 20 anos para ser reintegrado, após ter lutado juridicamente com advogado durante quatro anos para conseguir o direito de fazer o concurso.

Quanto ao prédio Milton Santos no Instituto de Geociências da UFBA: há dois anos, a Professora Auxiliadora e colegas, entre os quais a Professora Guiomar, travaram uma batalha interna para dar o nome de Milton Santos ao prédio. Houve resistência — "Milton Santos basta ser o espaço, os auditórios precisam de outro nome" — mas a congregação aprovou por aclamação. "Foi por aclamação", disse ela emocionada, "e isso foi muito importante para nós".

Encerrou lembrando uma frase de Milton Santos ao receber seu último prêmio: os intelectuais esperam que o que representam como pessoa — não apenas as honrarias, mas as ideias que desenvolveram ao longo da vida — seja reconhecido muito mais tarde, quando eles já não estiverem aqui. "É isso que está acontecendo agora", concluiu.



7.

ENCERRAMENTO

Acad. Naomar de Almeida Filho: Tivemos aqui uma belíssima roda de conversa — que não foi redonda, como nenhuma mesa-redonda o é, mas foi uma conversa de altíssima qualidade. Pela qualidade e rigor das contribuições — tanto dos expositores quanto dos participantes — estamos valorizando a memória de Milton Santos de forma muito profunda e merecida. Seguiremos com mais comemorações ao longo deste ano e esperamos que estas reflexões contribuam e continuem a frutificar. Viva Milton Santos!



Documento elaborado pela Academia de Ciências da Bahia a partir da transcrição (pelo Notta e edição pela Claude.ai Anthropic) da roda de conversa "Milton Santos na Era Digital: Atualidade da Filosofia da Técnica", realizada em 2026 no Instituto de Geociências da UFBA. Edição e revisão textual por equipe editorial da ACB. Conteúdo revisado e aprovado para publicação.